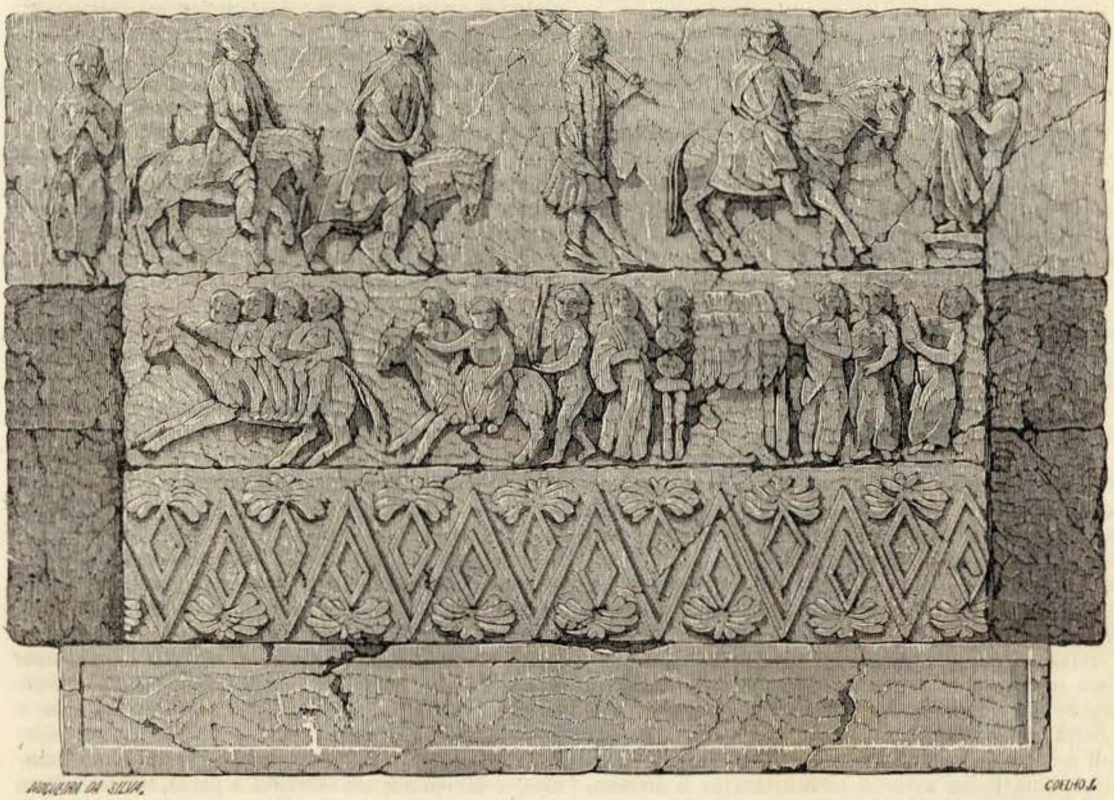
EGAS MONIZ.





Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

Vel-o? cá vai co'os filhos a entregar-se
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quiz o moço subjeitar-se,
Como elle promettera ão castelhano:
Fez, com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano;
Os filhos e mulher obriga á pena,
Para que o senhor salve, a si condemna.

(LUSIADAS, VIII, 13 e 14).

Apparecem hoje em o nosso jornal, reproduzidos fielmente pelo buril do artista em boa e devida fórma, os desenhos dos dois antigos monumentos, que a piedade de nossos maiores fez assentar no extincto e antiquissimo mosteiro, conhecido pela vulgar denominação de Paço de Souza, distante cinco legoas do Porto, no presupposto de attestar á posteridade a existencia de um varão magnanimo, e o rasgo de heroica lealdade por elle commettido: rasgo que, na ausencia d'esses padrões, quando anniquilados pela mão do tempo, terá ainda assim de affrontar os seculos, perpetuado sobre tudo nos immortaes accentos do cantor das glorias lusas.

Debalde o escalpelo de uma critica ferrenha e desanimadora, erguido desapiedadamente contra as tradições seculares dos povos, emprehendeu dissecar o facto, pondo em duvida a sua veracidade, e pretendendo por vezes obliterar de nossas antigas chronicas a façanha sublime do aio de Affonso Henriques. Quiz em vão reduzir á cathegoria de fabula sonhada essa lenda de gloriosa e nacional recordação, em que a vista mais perspicaz nada encontra todavia, que possa julgar-se contradicto pela verdade historica mais bem averiguada, ou por testimunhos coevos.

Seria, a nosso ver, superfluo e ocioso recordar aqui de novo pela millesima vez esta singular narrativa, com todas as suas circunstancias e accessorios. Parece-nos que ninguem, por medianamente instruido que seja nos fastos da historia patria, deixará de a ter visto, e até de a saber de cór: e os que por ventura ainda carecerem de enfronhar-se no ponto, podem fazel-o com a maior facilidade, recorrendo á Historia de Portugal do sr. A. Herculano, que com tamanha e tão merecida reputação gira hoje nas mãos de todos. Ahi no tomo I, pag. 287, e na correspondente nota a pag. 468 (referimo-nos á primeira edição de 1846) acharão digna e concisamente commemorado o feito de Egas Moniz, e justificada assaz a tradição que o abona; embora o severo historiador se não dê por satisfeito com as provas e argumentos que, para auctorisar a certeza do successo, adduziu o outro laborioso academico Antonio de Almeida, na Memoria que especialmente dedicou á dilucidação d'esta especie, e que anda inserta no tomo XI, parte 1.ª das da academia real das sciencias.

Os que, porém, quizerem ver o facto adornado com as galas e louçania do estilo poetico-romantico, tem nos *Quadros Historicos* do sr. Castilho com que saciar amplamente a sua curiosidade.

Limitar-nos-hemos, pois, nas presentes brevissimas linhas a traçar singelamente a descripção das duas Memorias, para assim ajudar a intelligencia dos que, não tendo tido possibilidade de observar os proprios monumentos lapidares, tiverem de ajuizar pela gravura.

O primeiro, em que evidentemente se tratou de esculpir a representação da jornada de Egas Moniz, quando, encaminhando-se com sua mulher e filhos á corte de Toledo, váe, na inspirada phrase do nosso epico

Determinado a dar a doce vida
A trôco da palavra mal cumprida,

é composto de tres pedras, distinctas entre si, porém destinadas a formarem juntas um só todo. Na primeira, que fica superior ás outras duas, se distinguem de meio-relêvo, agrupadas pelo cinzel, cuja execução não desmente da rudeza do desenho, as figuras de varios cavalleiros que, montados em cavallos sem adorno, com as cabeças descobertas e maniatados os braços, assaz deixam presumir por isto, e pelo desalinho dos trajos, que não em festival carreira, mas em marcha forçada e angustiosa caminham, a pesar seu, para algum fim sinistro. Precede-os um, que bem claramente inculca ser o principal de todos, com o baraço lançado em volta do pescoço, e seguido immediatamente de uma especie de pagem, armado da sua lança. Na frente da mesma pedra, e na grossura d'ella, notam-se ainda figuras, que indicam ser de mulheres, simples espectadoras, e que parece acharem-se possuidas de uma extatica curiosidade. Prosegue na segunda pedra o resto da cavalgata, da qual faz parte um grupo de mulheres e outras figuras de pé e de cavallo, que marcham em egual desalinho, e nas quaes é facil de ver a esposa, filhos e servidores do fiel aio; não faltando ainda um como berço ou camilha portatil, onde são transportadas crianças, que parecem guardadas e servidas pelas figuras que de perto as acompanham. A terceira pedra nada contém de notavel, por ser lavrada em simples ornatos, e servir como de base ou pedestal a este monumento.

No segundo, que egualmente se compõe de varias pedras, vê-se bem caracterisado o ultimo transito do leal servidor de Affonso I. — Eil-o ahi jaz, para o lado direito do observador, no acto em que a sua alma se desprende do corpo, representada em uma figurinha que, saindo-lhe da bocca, procura elevar-se aos ares, onde dois anjos a recebem. Rodeiam o leito funebre algumas pessoas, que na sua posição afflictiva dão mostras da dor que lhes punge os animos, e lamentam sem duvida a perda soffrida. Para o lado esquerdo se tratou de exprimir o descenso do cadaver, que dois homens depositam no moimento. Ahi se vêem egualmente mulheres em acção deploratoria, e no canto a figura de um sacerdote em trajo abbacial, que por um livro aberto parece rezar as preces dos mortos. Por baixo existe gravada a inscripção sepulchral, em duas linhas, das quaes a primeira veiu a ficar collocada ás avêssas, segundo a opinião de alguns, por incuria de operarios boçaes, nas successivas trasladações que por vezes se fizeram do jazigo, e das pedras que o cobrem, desde a capella, em que fôra primitivamente assente, até vir parar ao corpo da egreja, onde por ultimo lhe deram logar. A inscripção é em latim, escripta com a singeleza propria d'aquelles tempos, e em portuguez se interpreta litteralmente do modo seguinte:

« Aqui repousa o servo de Deus Egas Moniz varão famoso. Era 1182. »

Esta era corresponde, sem contradicção, ao anno de Christo 1144. Ha, porém, n'isto uma difficuldade, seja dito de passagem, e é que a data da inscripção, tal qual se copiou para o desenho, e que suppomos ser exacta, não concorda com a que se lê em o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, pag. 187 da edição de Roma; pois ahi, traduzindo a inscripção ou epitaphio, accusa-se, em vez da referida, a era de 1184, que, n'este caso, equivale ao anno de Christo 1146. Portanto, ou a inscripção soffreu mudança d'então para cá, ou os antigos copistas se enganaram. O padre Francisco de Santa Maria no *Anno Historico*, tomo I, pag. 658, não só segue a opinião de que Egas Moniz fallecêra no anno de 1146, mas chega a assignar-lhe o dia do seu obito, que diz ser o 21 de abril. É para sentir, que n'este e em tantos similhantes casos deixasse jazer no tinteiro a declaração das provas, ou fundamentos em que se estri-

bava. Se as produzisse, o seu testimunho seria de maior pêso: occultando-as, ficou, e é ainda hoje tido justamente na conta de escriptor de levissima auctoridade em taes assumptos.

Pretende-se com razões plausiveis, que a esculptura d'estes monumentos seja, não só anterior a 1422, mas coeva, ou pouco menos, á data da morte do honrado varão. As pedras que formam o primeiro medem, reunidas como se acham, nove e meio pés de largura por sete e um terço ditos de altura ou comprimento. As do segundo tem ao todo na altura sete pés; as larguras, porém, são deseguaes, tendo no corpo superior seis e meio pés, e no inferior dez e meio ditos.

OS CESARES E OS BUONAPARTES.

(Conclusão).

CESAR.

— Depois destruir o exercito republicano, commandado por Metello, Scipião e Catão.

— Suffocar todos os generos de liberdade.

— Reinar pelo arbitrario.

— Repor a Roma á testa das nações, mas a si á testa de Roma.

— Crear, em larga escala, grandes trabalhos de embellezamento.

— Fundar e dotar innumeraveis estabelecimentos uteis.

— Reformar as leis.

Tinha pessoalmente projectado fazer um codigo, mais bem ordenado e completo, do direito romano, e traçou o seu plano analytico.

Dispoz com largueza e magnificencia, em testamento, da sua fortuna, na maxima parte a favor dos soldados e companheiros de armas.

Disse Cicero a Julio: «Não! tua alma sempre se abrazou no desejo da immortalidade. N'um Cesar, não se chama vida esse dia fugaz em que espirito e corpo se abraçam. Para ti só é vida a duração que tem de perpetuar-se na memoria de todos os seculos, das posteridades assombro, sem outros limites que os da eternidade. Ao porvir cumpre que sirvas, cumpre que te ostentes.»

Tal foi o fundador da dynastia cesarea, aquelle que, tendo vivido pouco mais de meio seculo, legou o poder supremo a seu sobrinho.

NAPOLEÃO.

— Metralhar os insurgentes em Paris, d'onde, aos 26 annos, lhe vieram as dragonas de general.

— Suffocar todos os generos de liberdade.

— Reinar pelo arbitrario.

— Repor a França á testa das nações, mas a si á testa da França.

— Crear, em larga escala, grandes trabalhos de embellezamento.

— Fundar e dotar innumeraveis estabelecimentos uteis.

— Reformar as leis.

Tinha projectado codificar toda a legislação, e presidiu á feitura do admiravel codigo civil.

Dispoz, com largueza e magnificencia, em testamento, da sua fortuna, na maxima parte a favor dos soldados e companheiros de armas.

Póde dizer-se a Buonaparte: «Não! tua alma sempre se abrazou no desejo da immortalidade. N'um Napoleão, não se chama vida esse dia fugaz em que espirito e corpo se abraçam. Para ti só é vida a duração que tem de perpetuar-se na memoria de todos os seculos, das posteridades assombro, sem outros limites que os da eternidade. Para o porvir, a sua vida e a sua morte são duas grandes lições.»

Tal foi o fundador da dynastia napoleonica, aquelle que, tendo vivido pouco mais de meio seculo, legou o poder supremo a seu sobrinho.

AUGUSTO.

Nascido em familia simplesmente equestre — fortuna, arte, manha, e circunstancias felizes — o fizeram revestir do titulo de imperador, começando a reinar, entre 30 e 40 annos de edade.

Attribuiu elle porém a sua ascensão ao favor de seu tio, que o adoptára, e lhe legára os dois terços da sua herança.

Depois de haver feito fortes estudos em Grecia, procurou ser escriptor, mas bem moço teve que involver-se na politica.

Começou as suas aventuras, apoiando-se no povo, e simulando-se demagogo; mas uma vez nomeado triumviro, e logo consul, mudaram linguagem e actos.

Seguiram-se as proscripções dos inimigos; marchou-se contra os restos do partido republicano; foram Bruto e Cacio desbaratados em Philippes; e Antonio vencido em Accio.

Apenas se apoderou solidamente do poder, caminhou para a omnipotencia. Accumulou successivamente os cargos de proconsul, general, tribuno, grão-pontifice. Não deixou ao senado, recomposto a seu talante, senão uma sombra de auctoridade. Applicou-se a restabelecer, pouco a pouco, a preponderancia do poder civil sobre o exercito. Destruiu in-

LUIZ NAPOLEÃO.

Nascido em familia simplesmente fidalga — fortuna, arte, manha, e circuntancias felizes — o fizeram revestir do titulo de imperador, começando a reinar entre 30 e 40 annos de edade.

Attribuiu elle porém a sua ascensão ao favor de seu tio, que o adoptára, e lhe transmitira a dignidade imperial, pelo senatus-consulto de 5 frimario, anno XIII.

Depois de haver fortes estudos, fóra da patria, procurou ser escriptor; mas bem moço teve que envolver-se na politica.

Começou as suas aventuras, apoiando-se no povo, e simulando-se demagogo; mas uma vez nomeado representante, e logo presidente da republica, mudaram linguagem e actos.

Seguiram-se as deportações dos inimigos; marchou-se contra os restos do partido republicano; foram os seus cabeças desbaratados nas ruas de Paris, ou exilados; e Cavaignac vencido no Accio eleitoral.

A dictadura social, preconisada pela revolução, em proveito da egualdade, foi por Napoleão trocada pela dictadura individual, exercida em proveito do despotismo. Governo, justiça, administração, a guerra, a fazenda, tudo nasce d'elle só, tudo só a elle converge. Centralisa tudo, ao ponto de tocar a unidade em confusão; seu genio é a alma do governo;

teiramente o governo que achára, com quanto lhe conservasse as fórmas, a fim de não descontentar o povo, a quem divertia com festas. Reuniu em si a somma do poder publico, e em poucos dias se tornou senhor do imperio romano.

Diz Tacito: «Mas pouco a pouco começou a elevar-se; e sem achar contradicção, accumulou em si todo o poder do senado, dos magistrados e das leis; porque, a esse tempo, já os mais atrevidos tinham morrido pelas proscripções ou pela guerra; os nobres, que ainda havia, quanto mais propensos se mostravam para a servidão, tanto mais bem pagos eram com honras e riquezas; e os homens de fortuna antes queriam gozar do presente, do que voltar ao antigo, que tinham por menos seguro e mais perigoso. Nem as provincias levavam a mal esta nova ordem de governo.»

Na sua pessoa, restabeleceu o governo monarchico absoluto, não sob o antigo nome local de rei, mas de imperador.

Fez a guerra em Oriente, no Egypto, tomando Alexandria.

Não combatendo pessoalmente, deveu seus successos aos talentos de seus generaes, especialmente de Agrippa.

Diz Suetonio (48) que elle restituiu reinos, que o direito da guerra punha em seu poder, áquelles a quem os tomára.

Segundo Suetonio, innovou e instituiu muitas cousas, por invenção sua, na arte militar. Foi mui severo na disciplina.

Fez distribuir pelo povo cereaes e comestiveis, nas occasiões de fome, e nas calamidades publicas, bem como numerosos auxilios em dinheiro.

Após grandes desordens e perturbações civis, seguiu-se a tranquillidade; e seu nome cresceu, dentro e fóra do imperio.

A reputação de força e moderação, que grangeou, determinou os Indos e Scythas, só de nome conhecidos, a sollicitar, por meio de embaixadores, a sua amizade e do povo romano.

Et les rois à genoux venaient de toutes parts adorer la grandeur du trône des Césars.

Varias conjurações se tramaram contra Augusto; umas por pessoas gradas, outras por miseraveis, da mais baixa esphera. Um vivandeiro da Illyria foi surprehendido, de noite, com um mangil, para assassinal-o. Nunca, porém, chegou a ser ferido.

Entre as qualidades de seu caracter e da sua politica, distinguem-se as seguintes:

— Habil, astuto, firme, dissimulado; cruel ou clemente, segundo as conveniencias da sua situação.

— Durante o seu reinado, ultrapassou quanto se havia feito antes, em variedade e magnificencia dos espectaculos.

— Conhecia o coração humano, sendo homem nascido para governar os seus similhantes.

— Animou as artes da paz, e industria.

— Por convicção ou calculo, prestou pomposo culto ás divindades.

— Embellezou Roma, com o intuito de lisonjear o orgulho nacional, *para deixar em marmore o que recebêra em tijólos.*»

— Para proteger o mar superior e o mar inferior, estabeleceu uma frota em Miseno, outra em Ravenna.

— Creando o porto Julio, junto de Baias, fez en-

sua vontade o movel unico, universal, irresistivel. Representação nacional, liberdade individual, liberdade de imprensa, penhores contra os abusos do poder, tudo confiscou. Em poucos dias mudou a face da França, tornando-se mais absoluto que os reis do antigo regimen.

Pouco a pouco começou Luiz Napoleão a absorver tudo; e com fraca contradicção, accumulou em si todas as faculdades dos poderes legislativo e judicial; porque já os mais atrevidos, ou mortos, ou por suas exagerações desacreditados, haviam perdido o prestigio; os legitimistas, os proprios testamenteiros do defuncto rei, quanto mais famosos, tanto mais bem paga era a sua apostasia com honras e riquezas; e a classe media, que tem a perder, antes quer o presente, do que caír nas mãos do socialismo, que ella tem por menos seguro e mais perigoso. As provincias applaudem esta nova ordem de governo.

Na sua pessoa, restabeleceu o governo monarchico absoluto, não sob o antigo nome local de rei, mas de imperador.

Fez a guerra em Oriente, na Criméa, tomando Sebastopol.

Não combatendo pessoalmente, deveu seus successos aos talentos de seus generaes, especialmente de Bosquet e Pelissier.

Restituiu Sebastopol, que o direito da guerra punha em seu poder, á Russia a quem a tomára.

Innovou e instituiu muitas cousas, por invenção sua, na arte militar, (como o systema dos projectis, as baterias fluctuantes, etc.) É mui severo na disciplina.

Em occasiões de penuria, fez que o estado tomasse a si o importar e distribuir cereaes; e em inundações tem pessoalmente, e com perigo, levado auxilios aos infelizes.

Após grandes desordens e perturbações civis, seguiu-se a tranquillidade; e seu nome cresceu, dentro e fóra do imperio.

A reputação de força e moderação, que grangeou, determinou povos illustrados, como os Estados-Unidos, a propol-o como arbitro em pendencia internacional, e o proprio inimigo vencido, a Russia, a designar Paris para o congresso da paz.

Tem ido a Paris, visital-o, grande numero de testas coroadas.

Varias conjurações se tem tramado contra Luiz, umas por pessoas gradas, outras por miseraveis, da mais baixa esphera. Um italiano foi surprehendido com uma pistola para assassinal-o; outros lhe arremeçaram machinas infernaes sob a carruagem. Nunca, porém, chegou a ser ferido.

Entre as qualidades de seu caracter e da sua politica, distinguem-se as seguintes:

— Habil, astuto, firme, dissimulado; cruel ou clemente, segundo os conveniencias da sua situação.

— Durante o seu reinado, ultrapassou quanto se havia feito antes em variedade e magnificencia dos espectaculos.

— Conhece o coração humano, sendo homem nascido para governar os seus similhantes.

— Anima as artes da paz, dando immensa extensão á industria.

— Por convicção ou calculo, presta pomposo culto á religião.

— Embelleza a França, particularmente Paris, com o intuito de lisonjear o orgulho nacional e occupar as classes laboriosas.

— Para dominar o Oceano e o Mediterraneo, estabeleceu uma frota em cada um dos portos militares d'esses mares.

— Creando o Pré Catelan, junto de Paris, fez en-

trar um diluvio d'aguas, a formar os lagos Lucrino e Averno.

— Pela terceira vez depois da fundação de Roma, se fechou o templo de Jano.

— Ostentando-se protector das lettras, desterrou Ovidio, Gallo, Labieno e outros.

Teve a fortuna de surgir n'um momento de crise grave, sendo invocado como um Neptuno, pacificador das facções, e reorganisador do desmantelado imperio.

Os republicanos, escapados ás batalhas e ás proscripções, comprehendiam em fim que o restabelecimento da antiga ordem de cousas mergulharia de novo o paiz em sangrentas convulsões. Os prudentes pensavam que, se o governo não era perfeito, valia entretanto mais que os rivaes que lh'o disputavam. Os poetas a vender ou vendidos chamavam-n'o: Filho do sol!

Parece-nos *grande*, quando talvez não seja senão *venturoso*; todavia devêra ou nunca nascer ou nunca morrer.

trar um diluvio d'aguas, a formar alli um lago, como outro em Vincennes.

— No seu programma de governo, exprimiu-se assim: «O imperio é a paz!»

— Ostentando-se protector das lettras, desterra Arago, Victor Hugo, E. Sue e outros.

Teve a fortuna de surgir n'um momento de crise grave, sendo invocado como um Neptuno, pacificador das facções, e reorganisador do desmantelado imperio.

Os republicanos, escapados ás batalhas e ás proscripções, comprehenderam em fim que o restabelecimento da anterior ordem de cousas mergulharia de novo o paiz em sangrentas convulsões. Os prudentes pensam que, se o governo não é perfeito, val entretanto mais que os rivaes que lh'o disputam. Os poetas a vender ou vendidos chamam-n'o: Filho do sol!

Parece-nos *grande*, quando talvez não seja senão *venturoso*; todavia devêra ou nunca nascer ou nunca morrer.



Uma scena campestre. — Desenho de Annunciação. — Gravura de Pedroso.

Ainda mais uma vez temos o prazer de offerecer ao leitor amante de bellas-artes, um desenho do sr. Annunciação. Representa uma scena campestre, ingenua e engraçada, cuja descripção litteraria seria um verdadeiro pleonasmo em presença da estampa que tão bem a releva.

FABULAS.

A NOVIDADE E O BOM-SENSO.

Como astuto inglez que tenta,
Para o commercio em que lida,
Perigoso desembarque
Em praia desconhecida;

C'o prumo na mão experta
Calcula do mar a altura
Té onde a proa veleira
Se atreva sulcar segura;

No invio norte que busco
Eu condemno á phantasia
Desvios a que sem tino
Mil vezes o genio guia.

Nem sómente a novidade
Aos ceos nos sobe e remonta;
O vate, como o piloto,
Frequentes naufragios conta:

Mas depois que altas idéas
Do bom-senso ás leis cederam,
Diga a lyra harmoniosa,
O que ind'outras não disseram.

Foi assim que o bom Fernandes,
Que o Castilho a patria ornaram,
E, d'entre os vates da Lysia,
Os poucos que os imitaram.

O RELOGIO DOS AMANTES.

O Tempo sanhudo, velho
A cujo fatal poder
Se acurvam graças e amores,
Virtudes, lucto e saber;

Pensando que eu terno amante
Do seu imperio zombava,
Se instantes puros celestes
Junto a ti, meu bem, gozava:

«Não sejam como as mais horas
Aquellas horas formosas,
Que ao lado d'ella deslizam
Engrinaldadas de rosas;

Mas sôltas do carro altivo,
A que as tenho prisioneiras,
Como não podem ser tristes,
Ao menos sejam ligeiras.

E cada feliz momento
Que eu cerceio ao descontente
Accresça centuplicado
Áquella que vive ausente.»

Disse o Tempo, e á voz pesada
Da infallivel divindade
Marcando annos em momentos,
E momentos na eternidade;

Maquina estranha apparece,
A cuja lei maniatado
Me traz o Tempo tyranno
Me quer amor que é meu fado.

ANTONIO XAVIER DE BARROS CORTE-REAL.

PROVERBIOS.

I.

AMOR PÓDE MUITO, O DINHEIRO TUDO.

II.

Durante dois annos não tornei a ter noticias de Margarida. Passei aquelle tempo fóra de Lisboa, e a sua amiga, unica pessoa que d'ella me podia fallar, deixára de me escrever.

Voltando a Lisboa, retomei a minha antiga vida, frequentando a sociedade. Estava uma noite em um baile dado por um rico capitalista, pouco antes chegado do Brazil, quando vi entrar Margarida pelo braço de um homem que podia ser seu pae. Admireime de a encontrar alli. Nem era aquelle o mundo que costumava frequentar, nem era provavel que a fortuna de Alvaro, como pintor, mesmo que já tivesse casado, lhe permittisse uma tal mudança de posição.

Margarida estava rica e esplendidamente vestida. Não lhe prendia os cabellos uma simples flor de larangeira. Entrelaçava-os um valioso fio de perolas, e no collo, de deslumbrante alvura, ostentava um collar de diamantes. Uma grande mudança se devia ter passado na sua vida. Estava rica certamente, mas não podia imaginar d'onde lhe tivesse vindo a fortuna. Alvaro tinha seguramente adquirido fama e gloria; mas n'um paiz onde as artes se prezam como no nosso, os artistas raras vezes conseguem ter mais dos meios necessarios para viverem parca e escassamente.

E quem era o homem que lhe dava o braço? O mysterio complicava-se, e não era facil dar-lhe explicação.

Entre os meus muitos defeitos, confesso o da curiosidade, como um dos mais salientes do meu genio. N'este caso ainda a curiosidade era augmentada pelo interesse. Estimava sinceramente Margarida, e se não fosse n'um baile, e não sei tambem porque secreto receio, teria ido ao seu encontro, mal a tivesse avistado, para a saudar com o alvoroço e a confiança da nossa antiga amizade. Limitei-me, porém, a contemplal-a de longe. Não me tinha ainda visto, e podia admiral-a á minha vontade.

Estava formosa ainda como d'antes; mas na sua physionomia já se não admirava a meiga expressão de candura que tanto seduzia. Era o tempo certamente que tinha operado a mudança; a alma, essa não podia ter mudado.

A criança dera logar á mulher. A rosa em botão desabrochava de todo. Muitos a julgariam mais formosa assim. Se tinha perdido aquelle viço do primeiro alvorecer da juventude, ganhára em muitos dons de belleza, que se desenvolvem depois em todo o esplendor.

Continuava observando Margarida, e cada vez menos podia explicar o mysterio que a envolvia. Examinei, um por um, os cavalheiros com quem dançára, e debalde procurei encontrar o amante predilecto do seu coração. Tinha para todos a mesma affectada delicadeza.

Procurei ler-lhe na physionomia aquellas sombras de tristeza, que em outros tempos revelavam a saudade, e vi apenas a mesma e invariavel expressão de intimo contentamento.

Pois assim póde esquecer o amante no meio dos prazeres de um baile? E porque não viria elle? Estará amante ainda?

Todas estas duvidas me assaltavam o espirito. Entristeci sem saber ainda porque. Preferia ver Margarida como d'antes, singelamente vestida, enfeitada apenas com as flores que de tarde colhia no jardim. Os apuros da *toilette* não lhe augmentavam a elegancia da figura, e o brilho dos diamantes parecia ter-lhe apagado nos olhos a luz pura e suave que d'elles dimanava.

Era outra inteiramente. Formosa ainda, rainha no meio da festa, mas já sem aquella aureola de innocencia e de sympathia, que a cercava como um esplendor divino.

Conservava-me em um estado de completa surpreza, quando senti que a mão fina de uma senhora me tocava de leve no hombro. Voltei-me, e tive um momento de verdadeiro sobresalto. Ia saber todo o mysterio. A amiga de Margarida, a quem devia o seu conhecimento, apparecia-me alli, como se a minha curiosidade a tivesse invocado.

Fui breve nos comprimentos que lhe diziam respeito, e perguntei-lhe em seguida por Margarida.

— Não a viu ainda? — respondeu-me admirada.

— Vi, e por isso a interrogo. Dê-me a chave de um mysterio que debalde tenho procurado decifrar. Como mudou Margarida de fortuna?

— Casando — me replicou laconicamente a sua amiga.

— Com Alvaro?

— Não. Com um rico e honrado negociante, que a adora como filha, e que tem feito a sua felicidade.

— E Alvaro?...

— Alvaro morreu.

Era escusada a pergunta. Como podia ter elle resistido áquelle golpe?

A nossa conversação foi n'este ponto interrompida. Momentos depois, Margarida passeava na sala dando o braço á sua amiga. Avisada talvez por esta, olhou para mim, e ía comprimentar-me. Não pude vencer a indignação. Senti um sorriso de desprêzo adejar-me nos labios, onde a delicadeza o não pôde apagar. Voltei a cabeça de envergonhado por ella. Margarida tornou-se pallida como o marmore. Sentia mais a affronta do que o remorso.

Não podia crer ainda em tudo que via. Como era possivel que Margarida tivesse esquecido Alvaro? Quem imaginaria que o anjo de pureza e desinteresse trocava o amor do artista pelas miseraveis seducções de um casamento de conveniencia? Quem diria, que aquella creatura, toda innocencia e bondade, havia um dia, com uma crueldade sem nome, dispôr de uma existencia que lhe era toda dedicada, negar-lhe a esperança, arrancar-lhe a vida?

E elle, o desgraçado, o martyr do amor, deixou-se morrer sem soltar uma queixa talvez. Que dor tão immensa lhe devia ser aquelle desengano! Como em um dia, em uma hora, em um instante, o ceo todo da sua ventura, o paraiso que sonhára de gloria e de amor, se lhe cerrou de trevas, se lhe tornou em medonho inferno!

E como podia resistir a tudo! Deus ainda teve d'elle piedade, concedendo-lhe a suprema graça da morte.

E a serpente, que vestira as seductoras fórmas da mulher, rira-se talvez, ao contarem-lhe os ultimos momentos do amante que ella matára.

E com a altivez na fronte e o sorriso nos labios, passava no meio da festa, ostentando o preço do seu crime.

Como era possivel tão grande infamia?

Encostado aos umbraes de uma porta, vi-a subir pelo braço do marido, e seguindo-a com a vista, repetia aquella interrogação.

Uma voz de mulher me fallou ao ouvido. Era ainda a amiga de Margarida, que adivinhando-me o pensamento, respondia, dizendo-me:

— Meu amigo: *o amor póde muito, o dinheiro tudo.*

Soltei uma gargalhada. Só mulheres sabem julgar mulheres. Margarida estava julgada.

1 de junho, 1859.

FONTENELLE.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

IV.

O MATRIMONIO.

III.

« Eu tardo muito em pintar, porém tambem pinto para muito tempo, » dizia um celebre artista da antiguidade aos que o alcunhavam de lento e prolixo na terminação dos seus quadros.

O matrimonio é um quadro, que não ha de poder-se nunca retocar nem restaurar; pintemol-o bem desde o principio; e para o alcançar meditemos no dito sentencioso do celebre artista da antiguidade.

O amor nasce d'uma impressão; porém o matrimonio deve nascer do amor.

E deve nascer do amor, não como o vinagre do vinho, segundo a expressão de Byron, mas como a flor do botão, como o nectar da flor.

O primeiro gráo do amor mais fraco é o que segue ao ultimo gráo da amizade mais estreita; o ultimo gráo do amor mais entranhavel toca já no umbral do matrimonio.

O matrimonio deve ser a continuação indefinida d'esse gráo.

A felicidade de toda a vida bem merece a demora e a prolixidade que empregava o pintor nos seus quadros.

Dizem que o amor deve ser de tal maneira cego, que não veja os defeitos da pessoa em quem se emprega.

Esta maxima é inadmissivel. N'ella se confunde o amor com o lethargo da alma occasionado por paixão violenta.

A paixão violenta não póde ser nunca boa conselheira.

Os matrimonios que d'ella brotam não costumam contar por annos, nem talvez por mezes, a duração da sua dita. *Nihil violentum manet.*

Quem não vir o Manzanares senão em dia de cheia, apenas poderá conceber que seja unicamente nos tempos normaes um miseravel *arroyo aprendiz de rio.*

Nos matrimonios que faz exclusivamente o coração, aproveitando um sonho da cabeça, é de temer a hora em que esta desperte.

Quando procedem de perfeito accôrdo a cabeça e o coração, póde dar-se como segura a reciprocidade inalteravel jurada em nome de Deus.

Ás vezes oppõem-se graves obstaculos á harmonia entre os dois grandes centros da nossa vitalidade; como disse Bossuet, o coração tem razões que a razão não conhece.

Eis-ahi o segredo. Se é inevitavel a lucta, inevitaveis são portanto para a victoria ou sujeição que vençam: para amar, o coração do homem e a cabeça da mulher; para chegar aos altares, o coração da mulher e a cabeça do homem.

Porque o homem com o coração ama, e ama de ordinario a belleza, os encantos pessoaes; porém com a intelligencia comprehende e admira aquillo mesmo que ama; quanto mais a belleza da alma, os encantos immorredouros da virtude.

De uma mulher formosa póde sentir-se tedio; d'uma mulher boa, jámais se sente o cansaço. *Nihil, oh Cyrene, suavius uxore bona.*

Ao lado d'uma mulher boa as penas do homem reduzem-se á metade, e os prazeres duplicam-se.

O tempo que, segundo Mad. Stäel, enfraquece os máos affectos, rebustece e renova os legitimos.

Conta-se de Helvecio, que perguntando-lhe um dia certo amigo se tinha achado a felicidade no matrimonio, « sim, respondeu o philosopho; porque não sinto senão para minha mulher o amor que d'antes sentia para todo o seu sexo. »

Para fazer jogo com esta profunda resposta, só lembrâmos a seguinte maxima:

« A mulher deve-se toda á felicidade d'um só homem. »

Temos o sentimento de annunciar que esta maxima não pertence a nenhuma mulher: é d'um escriptor, que ignorâmos n'este instante se foi casado.

Succede com frequencia que o coração da mulher é sanctuario aonde recebe culto um idolo de barro.

Porém tambem ha occasiões em que o coração e a cabeça do homem commettem idolatrias em extremo repugnantes.

Tem-se comparado a uma rosa o coração da mulher; mas, ai! que ás vezes cada amante leva uma folha, e ficam só para o marido a hastea e os espinhos.

O aborrecimento da mulher para o marido é uma desgraça que se concebe apenas; mas, se existe, deve julgar-se associada com outra não menos horrivel:

esse aborrecimento póde considerar-se o avesso de uma aleatifa; no direito está o amor criminoso para um terceiro.

Esse amor criminoso para um terceiro foi castigado com horriveis penas na sociedade antiga; tambem tem pena marcada nos codigos modernos; porém os homens da actual sociedade costumam castigal-o com a pena de... o ridiculo sobre o marido aggravado.

Talvez que um d'esses maridos escrevesse ou inspirasse certa decima que lemos, não sabemos aonde nem quando, e que, se a nossa memoria não é infiel, dizia assim:

« La fé pura de un mortal
quiso el cielo descubrir:
sus hijos hizo morir;
aniquiló su caudal;
de la amargura fatal
le dio la copa a beber;
la nube del padecer
descargó en su frente mustia;
mas para colmo de angustia,
le conservó a su mujer. »

Infinidade de decimas melhores do que a antecedente puderamos consignar em apoio da opinião contraria; porém temos por escusado esse trabalho, que a nada levaria senão a patentear a inconsequencia e velleidades dos homens.

IV.

Havendo talento, honradèz e coração, os máos matrimonios devem chegar a ser a excepção da regra.

Porque do talento, da honradez, e do coração brotam, como plantas viçosas nas margens d'um manancial puro, o amor, a confiança e a tolerancia.

O amor identifica as almas; a confiança é a base do amor; a tolerancia alimenta-o e conserva-o.

Não se alcança a perfeição humana: todos erràmos; tal é a nossa condição.

A tolerancia de certos homens é um vicio que nasce da soberba, disfarça-se com o rigorismo, e acompanha quasi sempre a estupidez.

Os que não perdoam a sua mulher um olhar, talvez innocente, permittem-se licenças talvez criminosas.

Os que espreitam sua mulher nos actos mais singelos, até em seus pensamentos, se lhes é possivel, offerecem lamentavel idéa dos seus actos proprios e dos seus intimos pensamentos.

O marido e a mulher devem ser os maiores amigos do mundo.

De dois extremos deve fugir-se n'essa amizade-modelo; do emprego de fórmas que não dizem bem ao carinho, e do abandono completo das fórmas.

Não nos agrada (talvez que tenha a culpa o nosso sexo) um marido que desempenha constantemente o papel de galã de sua mulher; porém gostàmos menos do *sans façon* d'um marido que se conduz diante de sua esposa como se vivesse só.

Ha outra raça de maridos orgulhosos, que tem sempre na bocca a voz do mando; esta especie de maridos-senhores costumam domesticar-se, mão grado seu, e então a sua postura é mais ridicula.

Encontram-se tambem maridos, que vem a ser uma *criada grave* mais de sua esposa; o typo do marido *caseiro* abunda n'algumas provincias, e é certamente o mais curioso e notavel.

O typo do marido que maltrata sua mulher, não é typo: é a degradação da especie; está fóra da lei, como estão os malfeitores.

Se os homens e as mulheres fossem a metade de egoistas do que parecem, nunca se turvaria a paz dos matrimonios.

O verdadeiro egoista não se zanga sem resultado; e as contendas matrimoniaes a nenhum resultado podem conduzir, salvo o da doença.

As contendas matrimoniaes, como as contendas dos namorados, costumam não ter outra origem senão o desejo de fazer as pazes.

Diz um proverbio, que « contra a arrogancia da mulher, a tranquillidade do homem. »

Esse proverbio soffreu, sem duvida, alterações no decorrer do tempo; no principio dir'a naturalmente: « contra a arrogancia do homem altivo, a bondade da mulher bonita. »

D'esta fórma, comprehendemol-o e acceitàmol-o.

A mulher bella é um livro d'uma unica pagina, e examina-se d'um só olhar.

A mulher bella e boa é livro de tantas paginas, que a vida inteira não basta para o folhear, nem o coração para sentir as commoções que inspira.

Com ella, o matrimonio é uma felicidade tão pura sempre, e sempre tão nova, como se cada dia começára a gozar-se.

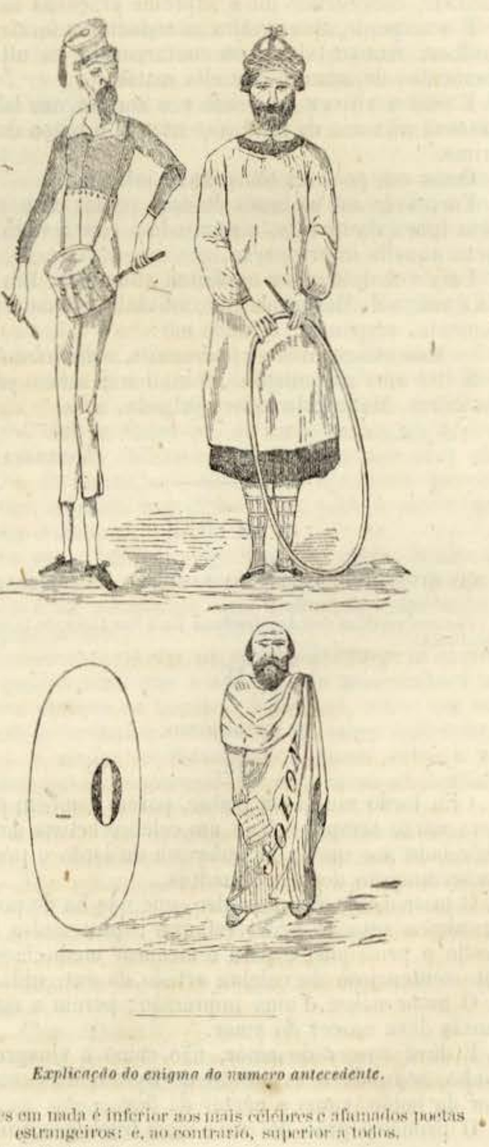
Com ella é sempre doce a esperança da manhã.

E, como disse Leroux com justiça, a desgraça da felicidade é satisfazer-se; a felicidade da desgraça é confiar.

(*Continua*).

BRITO ARANHA.

ENIGMA.



Explicação do enigma do numero antecedente.

Camões em nada é inferior aos mais célebres e afamados poetas estrangeiros: é, ao contrario, superior a todos.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 47